



Urdimento


REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

eXílio

Fernando Kinas

Para citar este texto dramaturgico:

KINAS, Fernando. *eXílio. Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 52, set. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573103522024e0601

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



eXílio

Fernando Kinas¹

Resumo

Roteiro cênico do trabalho teatral *eXílio*, produzido pelo Coletivo Comum, grupo sediado na cidade de São Paulo. O trabalho, com texto e direção de Fernando Kinas, estreou em abril de 2024 e cumpriu temporadas no Teatro de Contêiner e Teatro Arthur Azevedo.

Palavras-chave: Roteiro cênico. Coletivo Comum. Dramaturgia. Exílio.

eXile

Abstract

Scenic script of the theatrical work "eXílio," produced by Coletivo Comum, a group based in São Paulo. The work, with text and direction by Fernando Kinas, premiered in April 2024 and had runs at Teatro de Contêiner and Teatro Arthur Azevedo.

Keywords: Scenic script. Coletivo Comum. Dramaturgy. Exile.

eXilio

Resumen

Guion escénico de la obra teatral "eXílio", producido por el Coletivo Comum, grupo con sede en la ciudad de São Paulo. La obra, con texto y dirección de Fernando Kinas, se estrenó en abril de 2024 y tuvo temporadas en el Teatro de Container y el Teatro Arthur Azevedo.

Palabras clave: Guion escénico. Coletivo Comum. Dramaturgia. Exílio.

¹ Doutorado em Teatro e Artes do espetáculo pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, PARIS 3, França, e Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Théâtre et arts du spectacle., pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França, Graduação em Théâtre et arts du spectacle, Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França,. Diretor e pesquisador teatral. integrante do Coletivo Comum desde sua criação.

 fkinas@yahoo.com

 <http://lattes.cnpq.br/4512681924125284>  <https://orcid.org/0000-0002-0286-8079>



Nota sobre eXílio

O roteiro que publicamos aqui é o resultado de um longo projeto, apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo, que expressa algumas das principais questões que mobilizam o Coletivo Comum. Desde nosso surgimento, em 1996 e ainda com o nome de Kiwi Companhia de Teatro, trabalhamos na intersecção entre criação artística e intervenção social. Arte e política, portanto, são os fundamentos de um trabalho que se inspira no teatro documentário crítico, afastado de vertentes que, apesar de certa rebeldia temática e ousadia formal, negligenciam a compreensão dos fenômenos sociais, flertando com o niilismo ou acomodando-se aos circuitos artísticos hegemônicos.

No caso específico de **eXílio**, trabalho teatral que estreou em abril de 2024 e realizou duas temporadas na cidade de São Paulo (Teatro de Contêiner e Teatro Arthur Azevedo), reunimos uma grande quantidade de materiais - livros teóricos e de ficção, canções, produções audiovisuais e iconográficas, depoimentos pessoais, estudos de campo, além de uma viagem de pesquisa à França -, para apresentar cenicamente o estado atual do exílio, do refúgio e das migrações forçados, no Brasil e em âmbito internacional.

eXílio, para nós, é um termo ao mesmo tempo poético e político, que reúne experiências íntimas e coletivas, mas que só faz sentido em perspectiva histórica. O tema se declina em múltiplos aspectos e concentra impasses e contradições (daí a utilização deste X em letra maiúscula) típicos das sociedades atuais, que estão sujeitas à lógica mercantil, aos desequilíbrios coloniais e pós-coloniais, à iminência de um colapso ambiental e climático e que sofrem as consequências de injunções furiosas da indústria do entretenimento e das novas tecnologias.

Fernando Kinas

Diretor e pesquisador teatral. Doutor em Artes do Espetáculo (Sorbonne Nouvelle e USP), integrante do Coletivo Comum desde sua criação.



eXílio - Roteiro final [2024]

Fernando Kinas (com a colaboração de Beatriz Calló e do elenco)

Em cena

Fernanda Azevedo
Maria Carolina Dressler
Renan Rovida
Renata Soul
Roberto Moura

O espaço

A área de jogo deve ser preferencialmente circular, o público envolve o espaço cênico.

A cena está vazia. Exceto pela memória.

Pequenas variações de luz.

1. Ausência e presença

[Sem ocupar o espaço da cena, o elenco canta: Quero voltar pra Bahia, Saudade da minha terra, Tenere den, Male Betulia, Alguém me avisou etc. O público pode ser estimulado a cantar.]

2. Três palavras estranhas

[Lampedusa, de Toumani Diabaté + Szymborska relida.]

quando eu pronuncio a palavra futuro
a primeira sílaba já se perde no passado

quando eu pronuncio a palavra silêncio
eu suprimo o... silêncio

quando eu pronuncio a palavra exílio
alguma comunidade se forma

porque
se o futuro já está no passado
se o silêncio não suporta o silêncio
o exílio exige um comum

como hipótese
como antítese
como complemento



exílio
exílio
exílio
exílio

...
...

o exílio é político
é o avesso
uma longa insônia
vidro moído comido todos os dias

é um equívoco: porque é preciso voltar, ou pelo menos tentar voltar
- pensar no retorno -
porque não pensar, já não é exílio, é só emigração

imigrante ou emigrante
depende do lado da barreira em que se está
cidadão ou estrangeiro
depende do lado da barreira em que se está
colono ou colonizado
depende do lado da barreira em que se está
desempregado ou mão de obra
depende do lado da barreira em que se está

o exílio é uma história de fronteiras de racismo e de poder
muralha da babilônia, muralha da china, tordesilhas, commonwealth, westphalia,
lebensraum, nakba, congresso de viena, tratado de berlim, cortina de ferro,
apartheid, muro de berlim, espaço schengen

fronteiras externas
fronteiras internas
refugiado no mundo
no país
no próprio corpo

o êxodo do povo hebreu
josé e maria no egito
a fuga de meca para medina
a odisseia, gilgamesh, o ramayana
gulliver, marco polo, on the road, paris-texas, terra sonâmbula, palmares,
gonçalves dias, tinta branca

o tema é complicado
« partir es siempre partirse en dos. » (disse a poeta uruguaia cristina rossi).

outro poeta disse (o chileno huidobro)



os quatro pontos cardeais
são três
o sul e o norte
e nosso norte é o sul
ou um mapa de cabeça para baixo (como desenhou torres garcía)
ou ainda
- porque o assunto realmente é complicado -
talvez leste e oeste seja só um norte-sul que se deitou
o mundo
na verdade
é um!
vários, são os pontos de vista

[*Tempo.*]

obrigado/a pela presença.
sem vocês aqui
aqui
seria só passado
só o ensaiado

aqui, justamente, existe um campo - a cena

campo de refugiados
de imigrantes
de exilados
de deslocados
campo de retenção
de internamento
de triagem
de concentração
campo de passagem
de inspeção
de identificação
de registro
de espera
de controle
de trânsito
de averiguação
de repatriação
campo de deportação

e campo de batalha
rebeliões motins greves de fome petições atos ocupações suicídios mutilações
destruição de barreiras corte de arame farpado fugas enfrentamentos com a
polícia solidariedade ajuda mútua canções poemas...

refugiados, deslocados, sinistrados, evacuados, degredados, migrantes, asilados,
apátridas, indocumentados, clandestinos, tolerados, retidos, rejeitados,



indesejados, expulsos, desterrados, banidos, expatriados, repatriados, retornados...

sem terra, sem teto, sem trabalho, sem direitos

campo

[*Música Church of anthrax, de Terry Riley e John Cale. Elenco faz "o passo suspenso da cegonha". Indefinição, hesitação, indeterminação, suspensão. "entre dois". Olhar para trás.*]

[*No microfone, ainda com a música.*]

o exílio é o mundo mais as fronteiras: avesso, insônia, racismo, xenofobia, dinheiro, passaporte, conquista, diáspora, vidro moído

[*Fim da música. Tempo.*]

fim da introdução
nós temos duas maneiras para continuar
para ocupar o exílio da cena

uma delas é em forma de jogo
a outra através de depoimentos, cartas
todas as cenas foram ensaiadas
vocês decidem a ordem

um, jogo
dois, cartas

[*Público vota levantando a mão.*]

3. Exílio fiscal - O jogo

[*Jogo de tênis simulado entre França e Suíça. Som de partidas. Elenco a caráter.*]

Em novembro de 2014, a Suíça jogou contra a França a final da Copa Davis de tênis. Foi um evento esportivo, mas também político: a equipe francesa, treinada por Arnaud Clement, era composta unicamente por jogadores que moravam na... Suíça. Incluindo o técnico.

Foi uma final "100% suíça". Por quê? Por causa dos privilégios fiscais deste maravilhoso país europeu. Todos os jogadores eram exilados fiscais! Aliás, 80% dos jogadores profissionais de tênis da França moram na Suíça.

Mas a vida de um exilado fiscal é muito difícil. O exílio nunca é fácil. Você deixa para trás seu país, seus amigos, às vezes sua língua, seus restaurantes favoritos, suas lojas de grife, sua mansão, seu campo de golf...



Além disso, o simpático e montanhoso país europeu - a Suíça - agora anda endurecendo a legislação e tem gente que defende - vejam só - a equidade fiscal. Mas há sempre uma solução, os jogadores franceses podem contar com a Grã-Bretanha, Luxemburgo, Irlanda, Portugal. Países com tradição de solidariedade, que sabem acolher com dignidade os exilados.

Eles também podem buscar refúgio em Liechtenstein e Andorra, só que antes é preciso descobrir onde exatamente ficam estes países.

Deste lado do mundo, no sul global, nós temos o Uruguai, que além da excelência do doce de leite, é reconhecido pela solidariedade... com os milionários.

Portanto, os exilados fiscais podem dormir tranquilos. E ficar acordados tranquilos. É o que dizem os advogados e tributaristas especializados na "deslocalização de ricos".

Sim, isso existe: deslocalização de ricos. Eles emigram e não precisam de coletes salva-vidas...

Um exemplo: aqueles que não querem pagar nenhum centavo de imposto, "tarifa zero", podem morar em paraísos fiscais. O piloto de Fórmula 1 Lewis Hamilton, que é um defensor da equidade... racial, deixou a Suíça em 2012 para se estabelecer no Principado de Mônaco. Ele paga zero por cento de imposto.

Ele também poderia ter optado por destinos mais exóticos, como Bahamas e Belize. Ou por países mais conhecidos: Canadá, Estados Unidos, Marrocos, Hong Kong, Singapura, Israel, China, Japão e Tailândia, que também fazem grandes esforços para acolher os exilados.

Todos estes países demonstram solidariedade... fiscal para atrair os estrangeiros e seus muitos zeros.

Exílio é uma questão de classe.

[Prossegue o jogo de tênis simulado, com a finalização do ponto e a vitória da Suíça.]

NOTA: A Suíça ganhou a Copa Davis de 2014. Foi a primeira vez. Os suíços ficaram muito contentes. Também os exilados fiscais, todos eles.

[C'est ailleurs, de Anouar Brahem. A cena é preenchida: raquetes de tênis, mantas térmicas, taco de beisebol, binóculo, casacos de inverno, boneca da Minnie, óculos com lentes amarelas, produtos de limpeza doméstica, cones de sorvete, entre outros objetos que serão usados nas cenas seguintes. Chaves são distribuídas ao público.]

4A. "Aqui estamos bem."

Olá, tudo bem? Espero que as coisas estejam bem por aí!



Aqui estamos bem.

Hoje eu quero contar um pouco do que vivi por aqui, neste país que me acolheu e que agora acolhe a minha nova família: o meu marido e o meu filho.

No início foi muito difícil porque a saudade era enorme e eu chorava muito! Comprava um cartão telefônico e todos os dias ia para a cabine falar com um de vocês. Fazia isso para amenizar a falta que sentia daqueles que eu deixei no Brasil. Houve um tempo em que nós falávamos e nos víamos pela internet, sempre nos fins de semana. Hoje é ainda mais fácil e rápido porque tenho o *WhatsApp* do grupo da família, daí falamos com mais frequência, várias vezes ao dia, vejo fotografias de todos, participo de todos os assuntos, é muito divertido.

Muitas vezes eu quis voltar, mas fui acostumando com a beleza dos lugares. Tinha as facilidades do transporte, mas sabia que o frio chegaria, que seria muito forte e eu estranharia muito. Foi o que aconteceu. Colocava muitas roupas para me agasalhar, coisa que na minha cidade não precisava.

Foram muitos meses de depressão porque as pessoas eram muito reservadas, fechadas, pareciam tristes e distantes.

Mas depois encontrei pessoas boas e agradáveis. Tinha vários trabalhos, um sempre diferente do outro. Durante o dia trabalhava num salão de beleza fazendo algumas horas e à noite trabalhava num lar de idosos. Era tudo muito corrido, saía de um e ia para o outro, sem intervalo para descanso.

Eu amava ver da janela de onde morava o caminhão do lixo fazer a coleta, o funcionamento, os carros estacionados na rua, as roupas penduradas nas janelas, lugares parecidos com Belo Horizonte.

Ao longo destes anos tive amizades boas, tive um amor português que terminou em sofrimento, pois ele faleceu.

Felizmente conheci um novo amor e agora estou casada, tenho um filho e estou realizada. Continuo trabalhando em vários sítios (lugares), participo de trabalhos voluntários. Estou legalizada e em busca da nacionalidade portuguesa.

O país está em crise mas o povo luta, tenho confiança no povo português!

A saudade da feijoada é muita, por isso vou todo ano ao país que amo. Família Maravilhosa.

Beijos e abraços com saudade de todos...

Glauciene

4B. "Palavras cruzadas."

Papai,

Já faz mais de uma década que eu deixei os teus braços, os meus hábitos e as minhas referências. Os teus olhos, que me mostravam orgulho, as tuas mãos que me consolavam e me guiavam. Aos doze anos eu percebi que ir embora para longe de ti, para longe do meu Congo, seria a partida rumo a uma nova vida: não necessariamente melhor, nem pior.

Aqui, o tempo passou sem ruído.

As lembranças se atenuaram, a tua voz se confundiu com as outras. Até hoje não sei como eu fiz para enganar a saudade e o tempo, que sempre fez com que eu me perguntasse se você me reconheceria, se você veria em mim a filha que eu sempre fui.

Alguém tem uma foto na carteira? Você pode me emprestar, por favor? Eu prometo que devolvo. [*Pega e olha com carinho a foto.*]

Durante mais de dez anos, eu não recebi nem sequer uma foto tua, para guardar na memória o teu rosto. [*Olha novamente a foto.*] Teus pequenos olhos amendoados, ao mesmo tempo negros e meigos. E o teu sorriso vivo e franco, tão bonito, que eu nunca esqueci.

Eu sempre repetia a mim mesma os conselhos que você me deu no nosso último encontro, naquela prisão que mais se parecia com uma colônia de férias, com amigos de longa data. Você me disse: “Não se feche diante das pessoas. Seja sempre aberta, o máximo possível. Cresce, minha filha, cresce...”. [*Pausa.*]

Eu sempre procurei terminar as palavras cruzadas, como você costumava fazer. Você, “o invencível”, eu te desafio agora quando você quiser, meu pai querido!

Eu cresci encontrando pessoas que mudaram para sempre a minha vida. Pessoas que têm as mesmas falhas que eu, as mesmas dificuldades aqui na França.

Apesar disso, as ruas e os ruídos do Congo me fazem muita falta. Eu sinto saudades até mesmo das coisas que me irritavam: os atrasos de sempre, a letargia de algumas pessoas...

Hoje, com vinte e dois anos, eu sei que nós vamos nos rever em breve. Eu sei que nada mudou de verdade, ao mesmo tempo eu sei que nunca mais será como antes.

Eu quero resgatar o que nunca se perdeu, só foi posto entre parênteses. Eu quero me sentir completa. Eu quero voltar a ganhar cores.

Tua filha, Douce, que te ama

[*Olha com carinho a foto e, com relutância, devolve-a.*]

4C. "Colamos no telefone."

Hoje foi um dia maravilhoso. Depois de quase um ano de luta consegui, graças a um primo na Venezuela, comprar um telefone que permite fazer chamadas de vídeo. Pude ver meus pais, meus filhos mais velhos e meu irmão.

Eu os vi, os vi ao vivo, e eles me viram. Colamos no telefone como se pudéssemos entrar e nos abraçar.

Foi difícil, mas consegui, e o melhor, consegui não chorar na frente deles. Ao terminar a chamada, fiquei pensando no tanto que quero dizer e no muito que devo calar.

Sempre há um evento que nos marca. No meu caso, foi o dia em que minha filha ficou doente.

Ela tinha acabado de fazer dois anos. Teve febre durante toda a noite. Saí procurando um medicamento com ela nos braços e terminamos chorando juntas. Eu, pela impotência. A febre não cedia.

Depois de caminhar por mais de duas horas em uma cidade onde o sol é inclemente e o transporte público inexistente, na única farmácia onde encontrei o remédio, o dinheiro que tinha não era suficiente para comprá-lo. Graças a Deus uma pessoa se aproximou, me indicou uma antiga farmácia onde alguns medicamentos tinham preço antigo.

Quase grito quando consegui. Voltei para casa e, ao chegar, por pouco não desmaiei. Lembrei que não tinha comido nada o dia todo.

Parece estranho como coisas tão importantes nos passam batido quando alguém mais nos preocupa. Ela se recuperou, mas meu coração se partiu nesse dia.

Francis

4D. "Em breve, minha filha, vamos realizar juntos os sonhos mais loucos."

Envio esta carta, minha filha, para finalmente te dar notícias.

Aqui está tudo mais ou menos bem, espero que tudo esteja bem contigo e toda a família. Acredite que eu não esqueci as promessas mais íntimas, sinceras e importantes. O nosso compromisso absoluto, que consiste em nos encontrarmos e vivermos juntos, faz com que eu me sinta determinado a superar todas as provações mais difíceis que eu encontro aqui na França.

De fato, minha filha, a vida na Europa não é fácil para um imigrante, entre os problemas com os documentos, de trabalho e de moradia. Durante um ano inteiro eu lutei numa batalha sem misericórdia com a prefeitura para conseguir regularizar minha situação. Hoje tenho, enfim, uma autorização de residência que



me permitirá voltar a Kita, no Mali, para te rever, pois esta é a única ambição que anima o meu coração. Agora só resta encontrar um trabalho, o que não está fácil. Tenho pequenos contratos de trabalho precários, o que não ajuda a minha integração social. Neste país, a vida é muito cara, entre o preço da casa e as despesas, como as contas de água, gás e energia elétrica.

Quando estamos na África, somos enganados em relação à realidade da vida na França. Aqui, a maioria dos imigrantes vive em plena miséria social, a situação se degrada diariamente por causa da crise econômica e não tem trabalho suficiente, como a gente acreditava. Neste momento, somos rejeitados por uma grande parte da sociedade por causa dos acontecimentos terroristas. Novas medidas drásticas são tomadas para complicar a nossa integração e o acesso ao emprego.

Porém, minha filha, tenho muitas esperanças neste país, pois também há muitas pessoas dignas, sociáveis, amáveis e humanas que lutam para defender os nossos direitos. Espero estar à altura de, finalmente, conseguir concretizar o que nos une, você e eu, “viver em família e ser feliz para sempre”. Somente isso poderá fazer com que eu consiga superar o meu estresse e as minhas angústias de todos os dias, pois o problema não é estar no exterior, mas sim de poder viver junto das pessoas que nós mais amamos. [*Pausa, porque é difícil continuar.*]

Hoje eu tenho um pequeno trabalho que me permite economizar um pouco de dinheiro para que, enfim, eu consiga cumprir a minha promessa de encontrar uma casa para nós, para que você possa vir morar com o teu pai em plena harmonia.

Você sabe, minha querida filha, que eu não esqueci o quanto você sonha em visitar a Disney. [*Breve pausa*]. Saiba que, em breve, minha filha, nós vamos realizar juntos os sonhos mais loucos.

Enquanto isso, espero que você continue a cumprir a tua parte do compromisso que nós assumimos e que você seja sempre a melhor da classe. Eu me despeço com muitos beijos, minha querida filha. Saiba que eu te amo muito e penso muito em ti.

Ibrahima

4E. "No dia que eu vim-me embora", de Caetano Veloso

5. Convenção de Genebra

[*Darbuka Solo 1, de Greek Oriental Orchestra. Microfone.*]

Convenção de Genebra sobre os refugiados, 1951

Artigo 31

Os Estados não aplicarão sanções penais em virtude da entrada ou permanência irregulares de refugiados que, chegando diretamente do território no qual sua vida ou sua liberdade estava ameaçada, cheguem ou se encontrem no país sem autorização, contanto que se apresentem sem demora às autoridades e lhes exponham razões aceitáveis para a sua entrada ou presença irregulares.

Artigo 32

Os Estados não expulsarão um refugiado que se encontre regularmente no seu território senão por motivos de segurança nacional ou de ordem pública.

Artigo 33

Nenhum Estado expulsará ou rechaçará, de maneira alguma, um refugiado para as fronteiras dos territórios em que a sua vida ou a sua liberdade seja ameaçada em virtude da sua raça, da sua religião, da sua nacionalidade, do grupo social a que pertence ou das suas opiniões políticas.

6. Moïse e Carlos Eduardo

[*Pássaros endêmicos do Rio de Janeiro.*]

Periquito sanhaço cambaxirra caturrita irerê
Garça fragata gaivota saracura andorinha gavião biguá
Ferreirinho-relógio sabiá-coleira marreca-pardinha juriti-vermelha maria-é-dia
Saíra-sete-cores tucano-de-bico-preto bem-te-vi joão-de-barro beija-flor-rubi

Na manhã do dia 1 de dezembro de 2020, Carlos Eduardo Pires de Magalhães morreu no Rio de Janeiro.

Ele era morador de rua e estava numa padaria, em Ipanema, na zona sul da cidade.

Seu corpo ficou durante duas horas estirado no chão, coberto por um saco preto de lixo, até ser removido pelo serviço público.

O proprietário decidiu não fechar a padaria, apenas isolou o corpo com algumas cadeiras.

Os clientes tomaram seu café da manhã na padaria, próximos ao corpo, coberto pelo saco preto.



Carlos Eduardo Pires de Magalhães devia ter 39 ou 40 anos, há uma década ele não tinha documentos de identidade. Era tuberculoso, morava nas ruas desde os sete anos e era negro.

Neste dia ele pediu ajuda para chamar o SAMU, mas foi ignorado.

Carlos tinha amigos e conhecidos, tinha também seis irmãos, a mãe, dois cachorros - Pretinha e Pelé -, um copo onde cuspiam sangue.

Ele dizia que gostava da liberdade, como os passarinhos.

Uma semana antes de morrer ele disse para uma funcionária de limpeza da agência bancária onde costumava dormir: eu tô sentindo que eu estou sem alma.

[*Pássaros endêmicos da República Democrática do Congo.*]

Jabiru cuco piadeira pintada flamingo alcaravão
Paturi-preta colhereiro-africano pavão-congolês francolim-das-pedras noitibó-
da-floresta
Codorniz-azul pombo-d'olho-amarelo pato-do-dorso-branco marrequinha-de-
bico-vermelho Marrequinha-comum marreca-caneleira beija-flor-violeta

Na noite do dia 24 de janeiro de 2023, Moïse Kabagambe morreu no Rio de Janeiro. Moïse era congolês e chegou ao Brasil com 14 anos. Ele veio como refugiado político em 2014 junto com a mãe e os irmãos.

Ele vendia bebidas e comidas do quiosque Tropicália, nas areias da Barra da Tijuca. Como outros trabalhadores informais, era pago por dia. Ele tentava se naturalizar brasileiro, mas o processo se arrastava.

Vivendo no País desde a adolescência, ele já se considerava carioca. Falava sem sotaque estrangeiro e torcia pelo Flamengo.

No dia da sua morte, ele foi cobrar duas diárias que não tinham sido pagas.

Houve uma discussão e Moïse foi amarrado, depois espancado até a morte, por vários homens, com pedaços de madeira e um taco de beisebol.

Um primo da vítima contou que após o assassinato os agressores foram embora e o gerente do quiosque decidiu continuar seu trabalho, até o socorro chegar e o corpo ser removido.

Por causa da repercussão do caso, a prefeitura resolveu ceder o quiosque para a família de Moïse. Seus parentes recusaram, temendo retaliações dos comerciantes e da Polícia Militar.

A República Democrática do Congo, onde nasceu Moïse, tem uma natureza exuberante. Agências de turismo organizam excursões de *bird watching* - observação de pássaros - para milionários de todo o mundo.

7. Muriquinho piquinino (Homenagem a Clementina de Jesus)

Muriquinho piquinino,
muriquinho piquinino, ê parente,
de quissamba na cacunda.
Purugunta onde vai,
Purugunta onde vai, oi parente.
Pru quilombo do Dumbá.

Ê chora, chora, gongo, ê devera.
Chora, mgongo, chora.
Ê chora, chora, gongo, ê cambada.
Chora, gongo, chora...

[Tradução de descendentes dos escravizados que trabalhavam nas minas nas regiões do Serro e Diamantina: 'O menino, com a trouxa de roupas nas costas, está correndo para o quilombo do Dumbá. Os que ficam choram porque não podem acompanhá-lo.']

8. "Exsul mentisque domusque"

[Áudio gravado.]

Nós podemos ser expulsos ou exilados de um lugar concreto, mas também podemos ser expulsos ou exilados de "nós mesmos".

Na literatura latina existe a imagem do exílio interior: *exsul mentisque domusque*, uma expressão usada por Ovídio.

Ela pode ser traduzida como "exilado da pátria e da mente".

Durante as ditaduras, muitas pessoas foram obrigadas a exilar-se dentro do seu próprio país, no seu trabalho, fábrica, escritório, escola, igreja, praça, avenida, campos, construções.

Antonio Candido fala sobre esse exílio interno em 1975, anos de ditadura no Brasil: « A pessoa não emigra nem para fora de sua cidade nem para fora do seu país, mas para dentro de si mesma, fechando-se totalmente para o mundo e apresentando uma máscara de conformismo. » [No limite do possível, entrevista Revista Veja, 15 out 75].

Exsul mentisque domusque.

9. Canção do exílio (Gonçalves Dias, 1843)

[*Introdução biográfica de Roberto Moura sobre sua condição de migrante.*]

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá

[*Elenco assovia discretamente a música Eu te amo meu Brasil.*]

10. Canção do exílio para preencher (Théo Tavares Klein, 2020)

[*Poema com lacunas é distribuído ao público, que pode compartilhar com o elenco seu local de origem e completar os dois primeiros versos. Música Brazil, de Django Reinhardt.*]

Minha terra tem _____,
Onde _____;
As _____, que aqui _____,
Não _____ como lá.
Nosso _____ tem mais _____,
Nossas _____ têm mais _____,
Nossos _____ têm mais _____,
Nossa _____ mais _____.



Em cismar, sozinho, à noite,
Mais _____ encontro eu lá;
Minha terra tem _____,
Onde _____.
Minha terra _____,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar sozinho, à noite.
Mais _____ encontro eu lá;
Minha terra tem _____,
Onde _____.
Não permita _____ que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os _____
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as _____,
Onde canta o _____.

11. No início foi a luz, depois o paraíso, mais tarde, o exílio

[Anúncio da cena no microfone: Pequena cena com Adão, Eva e o resto da família. Os textos seguintes são ouvidos através de uma gravação. Nudez de Adão e Eva, fraldas nas crianças, mantas térmicas, coletes e trovoadas. Adão e Eva repreendem seus dois filhos: coloca o colete que depois vai ter um dilúvio. Quer morrer? Engole o choro... etc.]

— Agora o homem se tornou como um de nós, pois conhece o bem e o mal. Ele não deve comer a fruta da árvore da vida e viver para sempre.

Por isso o Senhor Deus expulsou o homem do jardim do Éden e fez com que ele cultivasse a terra da qual havia sido formado. Deus expulsou o homem e no lado leste do jardim [*ninguém sabe onde fica o leste*] pôs os querubins e uma espada de fogo [*manta térmica*] que dava voltas em todas as direções. Deus fez isso para que ninguém chegasse perto da árvore da vida.

"Adão e Eva, então, foram expulsos do paraíso. São os primeiros exilados de um mundo que terá muitos exilados depois. Mesmo que gerem uma descendência numerosa [*as crianças dão as mãos*], eles sempre guardarão a nostalgia do seu Éden. [*Adão e Eva se vestem.*]

A perda e o paraíso estão gravados em nossos genes e nos assombam a cada deslocamento, a cada mudança de lugar que nos afasta dos nossos entes queridos, dos nossos amigos, da nossa terra." [*Baseado em Salim Bachi, "O exílio de Ovídio ».*]

— Não se abandona o paraíso, é preciso ser expulso dele." [*Ernst Toller.*]

12. Conversas de refugiados: Bertolt e Brecht numa estação de trem

[Introdução musical para montagem da cena. Duas cartelas com os nomes Bertolt e Brecht.]

O passaporte é a parte mais nobre de uma pessoa. Ele não surge de modo tão simples quanto uma pessoa. Uma pessoa pode surgir em qualquer lugar, da maneira mais irrefletida e sem motivo razoável. Um passaporte, jamais. Ele é reconhecido quando é bom, enquanto uma pessoa pode ser boa e, ainda assim, não ser reconhecida como boa. [Atarracado-Kalle]

Os passaportes existem por causa da ordem. Ela é imprescindível em tempos como este. Suponha que você e eu andemos por aí, sem um certificado de quem sejamos, de modo que não possamos ser achados no momento em que devemos ser expulsos. Nesse caso, não haveria ordem. [Ziffel]

A cirurgia só funciona porque o cirurgião sabe a localização do apêndice no corpo. Se o apêndice, sem o conhecimento do cirurgião, pudesse se deslocar para a cabeça ou para o joelho, sua extração seria muito complicada. [Ziffel]

Qualquer amigo da ordem confirmará isso para você. [Ziffel]

13. Todo vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar (música de Siba)

[O público pode participar de uma grande ciranda.]

14. Canis latrans

Canis latrans é um mamífero pequeno, membro da família Canidae e do gênero Canis.

Eles são encontrados somente na América do Norte e Central, habitando entre o Alasca e o Panamá.

Geralmente vivem sós, mas podem se organizar em matilhas.

Eles vivem em média dez anos, são ágeis, esguios. Têm pernas compridas, orelhas pontudas e eretas, focinho longo, olhos com íris amarelas e pupilas redondas [*óculos com lentes amarelas*].

A pelagem varia do marrom acinzentado ao cinza amarelado [*mantas*].

Estes animais não têm dificuldade de se acomodar em diferentes ambientes e em qualquer época do ano têm facilidade para achar caça.

Eles se alimentam de praticamente tudo, porém sua preferência é por mamíferos.

A caça pode ocorrer de maneira individual, aos pares ou em grupos maiores.

Eles são encontrados particularmente nos desertos, nas florestas, montanhas, planícies e regiões de clima tropical.

São animais oportunistas e apresentam hábitos noturnos.

Eles têm grande capacidade de comunicação [*celular*], emitindo chamados que indicam pedido de socorro, seu território e sua localização.

Esses animais apresentam audição e olfato aguçados e são ótimos nadadores.

Na ausência de hostilidade praticada contra eles, os animais passam a não temer os humanos e podem agir agressivamente.

Eles são próximos da raposa vermelha, encontrada na Europa, e às vezes também são chamados de Chacal americano.

Os coiotes, em alguns casos, também são chamados de passantes, traficantes de pessoas, mercadores da vida humana.

15. "É preciso desaprender as fronteiras"

Você sabe como a vida é difícil no campo de refugiado. Aqui, você sente que não tá realmente vivo. Tem problema com as autoridades, com a eletricidade... com a água também, já que o homem que fornece água potável só vem a cada dois ou três dias. Por isso, se eu tiver a oportunidade de sair do campo, vou fazer isso... e até mesmo deixar o país, porque isso aqui não é vida... não é vida isso que acontece aqui no campo...

Mukaram, 32 anos.

Todas as noites eu durmo esperando acordar em outro lugar. Mas todas as manhãs eu acordo no meu contêiner. Eu não tenho mais vontade de nada. Eu tenho dezenove anos e a minha vida deveria estar na minha frente, mas eu preferiria estar morto. É isso o fim do mundo?

Jonathan, 19 anos.

No começo você fica aliviado, não tem mais as bombas, você não corre o risco de ser preso por beber uma cerveja ou fumar um cigarro. Você não tem mais medo de morrer, mas logo a gente entende que o risco não é de morrer, mas de ficar louco.

Ali, 25 anos.

Minha prima era etíope. Com 16 anos, ela morreu esmagada, assassinada nas engrenagens da fronteira.

Meu vizinho era sírio. Com 52 anos, ele morreu afogado, assassinado por um barco de fronteira.

Minha irmã era mexicana. Com 36 anos, ela morreu estuprada, assassinada por um policial da fronteira.

Minha mãe era do Mali. Com 27 anos, ela morreu de exaustão, assassinada pelo deserto da fronteira.

Meu primo era vietnamita. Com 41 anos, ele morreu sufocado, assassinado pelo caminhão de uma fronteira.

Meu irmão era da Eritreia. Com 19 anos, ele morreu espancado, assassinado pelos golpes de um traficante da fronteira.



Minha irmã era haitiana. Com 32 anos, ela morreu sangrando, assassinada por um passante da fronteira.

São os fabricantes das fronteiras que matam. Porque as fronteiras se fabricam.

Nos escritórios, nos salões, nos gabinetes. Nas fábricas de arame farpado, de grades, de drones.

Eles dizem que as fronteiras são naturais, obrigatórias. Eles dizem que elas são vitais, que elas são necessárias.

E eles mentem.

As fronteiras são fabricadas.

E elas matam com armas de fogo, elas torturam, elas afogam, elas matam de sede, elas esgotam, elas deixam louco. Elas deixam louco.

É preciso desaprender as fronteiras. É preciso desaprender as fronteiras!

16. Sorvete em Lampedusa

[*Lampedusa, de Toumane e Sidiki Diabaté.*]

Lampedusa é um pequeno rochedo habitado por seis mil pessoas durante o inverno, cercado de águas turquesas e com baías maravilhosas. No verão os turistas são numerosos a invadir a ilha. Toma-se banho de mar, bronzeia-se. À noite, o centro é dedicado aos pedestres e se gasta em alguns dias o dinheiro ganho em várias semanas ou meses.

Lampedusa é também a salvação para milhares de homens, mulheres e crianças resgatados no mar, a maioria vinda da costa africana, que fica a pouco mais de cem quilômetros. Depois de desembarcados no porto, os mais frágeis são levados para a Sicília ou para o continente, os outros vão para um *hotspot*, um campo de triagem, escondido no interior da ilha.

Oficialmente, tudo é organizado para que os turistas não cruzem com os migrantes: os desembarques acontecem de noite e é proibido sair do hotspot exceto no caso das transferências regulamentares.

Está quente neste mês de julho. Se durante o dia se vê com custo algumas silhuetas daqueles que imaginamos ser migrantes, a partir das 21 horas são dezenas de homens negros que se reúnem silenciosamente num parque atrás da igreja para aproveitar o sinal de internet da paróquia e a vista sobre a cidade.

Na sombra, sentados nos bancos, eles olham a cidade e os turistas.

John Mohamed, Abou e Tony deixaram a Líbia no mesmo barco até serem salvos pelos guardas da costa italiana. Originários da Guiné, da Costa do Marfim e do Mali,

menores de idade ou recém maiores, eles chegaram em Lampedusa há três dias e foram enviados ao campo. Como os outros, eles pulam o muro no final da tarde para ir ao centro da cidade. « Basta pular a grade. Todo mundo faz isso, mesmo as mulheres, para ir na missa. Todo mundo sabe, os policiais, o pessoal das *ongs*, os militares até nos cumprimentam quando não estão no horário de trabalho ».

Estes jovens vêm todas as noites ao centro da cidade. Eles adoram passear e consultar o facebook graças ao computador da loja Archivio Istorico que Papa Nino deixa à disposição deles. Aqueles que esperam sua vez, ou que não tem perfil no facebook, ficam nos bancos diante da loja e imaginam os cortes de cabelo que fariam se tivessem uma máquina.

Entre eles zombam das roupas dos turistas ou admiram seus trajes. Alguns estão chocados que as jovens usem roupas tão curtas ou transparentes. « O pessoal se veste assim em toda a Europa? », pergunta Tony.

Usando somente roupa de baixo quando chegaram, eles receberam um calção, uma camiseta e um par de chinelos laranja. Eles sonham em trocar essas roupas por outras que tenham a ver com sua personalidade. Às vezes, Papa Nino ou a paróquia dão algumas roupas, então eles têm a impressão de se reencontrar: « Eu nunca me vesti assim, se eu estou bem vestido, eu começo a ficar melhor e tenho coragem de andar do lado dos italianos na rua ».

Djibril e Ali chegaram há várias semanas. Eles estão vestidos com cuidado. À noite, vão dançar numa pequena praça do centro com as jovens brancas e até escutam o show que acontece na rua principal. Às vezes, os turistas param e trocam algumas palavras em inglês ou francês.

Abou se junta aos outros com um cone de sorvete na mão. Ele deixa todos provarem: « Foi uma turista francesa, eu acho, que me ofereceu. Eu peguei o mesmo sabor que ela, não tive coragem de escolher... eu não sei o sabor, é açucarado, é gostoso. » [*Louise Tassin, Notes sur le terrain, Lampedusa, 2013.*]

[*Elenco com sorvete nas mãos.*]

17. O passo suspenso da cegonha

[*Church of anthrax com as palavras "açucarado, gostoso"... o elenco faz novamente, como no início, "o passo suspenso da cegonha". Depois investe contra as grades.*]

18. Um país chamado exílio

[*Continua a música e as ações da cena anterior. Texto no microfone.*]

Hoje existem 110 milhões de pessoas em condição de refúgio e de migração forçada no mundo.

Cinquenta por cento delas são crianças e adolescentes.

Se estas pessoas formassem um país, ele seria o 14º mais populoso do planeta.

Com a metade da população do Brasil, a mesma população do Egito, o dobro da Espanha, trinta vezes o Uruguai.

[*Pausa para descanso da equipe e do público. Falso intervalo.*]

19. A grande diáspora africana

[*L' Africain, de Rachid Taha. Cartelas com nomes são colocadas nas grades.*]

Mandela La Kahina Malcom X Kateb Yacine Jimi Hendrix Jacques Derrida Angela Davis Frantz Fanon Lumumba Sankara Bob Marley Hampâté Bâ Aimé Césaire, incluindo brasileirxs-africanxs!

20. Oriente-se (Homenagem a Edward Said)

Para compreender, de verdade, uma única civilização, é preciso conhecer duas, profundamente [*faz referência aos nomes da diáspora africana*]. Não existe conhecimento humano sem comparação e confrontação.

É preciso aprender a estar fora do lugar.

Edward Said

21. Produtos de limpeza

[*Zabriskie point, Love scene, versão 2, de Jerry Garcia. Texto a partir do depoimento de Wesam Musa Ayesh.*]

Os meus pais são um assunto incontornável, eles me deram tudo.

Eles me deram tudo de maneira incondicional, como todos os pais, eu imagino.

Eu noto, a cada viagem, que eles estão mais velhos, e eu estou longe deles.

Numa das minhas visitas, eu estava no sofá, a minha mãe veio e começou a acariciar o meu rosto e o meu cabelo.

Ela tinha as mãos ásperas por causa dos produtos de limpeza, mas foi a coisa mais suave que tocou o meu rosto, tinha um carinho enorme. Imenso.

São coisas que se sentem, mais do que se descrevem.

22. Ilha das galinhas

[*Guiné-bissau, de José Carlos Schwarz. Todos cantam.*]

Djiu, djiu di Galinha
Djiu di Galinha, ai!
Djiu di Galinha
N'disdjau, ai Djiu di Galinha

Manera ki piskaduris ta pera mare
Asin tambi ki n' ta pera dia di riba
Manera ki labraduris ta tchora tchuba
Asin tambi ki n' ta tchora bu falta.

NOTA: Djiu di Galinha significa Ilha das Galinhas. Galinhas é uma ilha da Guiné-Bissau, com cinquenta quilômetros quadrados e mil e quinhentos habitantes. Durante o período colonial português ali funcionou uma prisão política. José Carlos Schwarz, o autor desta música, foi um dos prisioneiros. Em 1973 a Guiné-Bissau declarou independência, que só foi reconhecida por Portugal no ano seguinte. A prisão foi desativada.

23. Dezesseis horas por dia

[*Stimela, de Hugh Masekela. Texto no microfone.*]

Há um trem que vem da Namíbia e do Malawi
Um trem que vem da Zâmbia e de Zimbábue,
Há um trem que vem de Angola e Moçambique,
De Lesoto, Botsuana, Suazilândia,
De todo o interior da África do Sul e central.
Este trem transporta jovens e velhos homens africanos.
Que são recrutados para trabalhar sob contrato
Nas minas de ouro de Joanesburgo
E na periferia da cidade
Dezesseis horas por dia [x 2]
Ou mais

[*Dança de matriz africana e derrubada da grade.*]

24. Quem destruiu nossa aldeia?

[*Ndiyani waparadza musha, de Thomas Mapfumo.*]

Quem destruiu nossa casa? Ndiyani waparadza musha?
Quem destruiu nosso país? Ndiyani waparadza nyika yedu?



Quem destruiu nossa economia? Ndiyani waparadza upfumi hwedu?
Quem destruiu nossa nação? Ndiyani waparadza rudzi rwedu?

25. Conversas de refugiados relidas: Bertolt e Brecht numa estação de trem

[Introdução musical para montagem da cena. Desta vez Bertolt e Brecht bebem uns tragos.]

A melhor escola de dialética é a emigração. [Ziffel]

Os dialéticos mais argutos são os refugiados. Eles se refugiaram por causa das transformações, e não estudam nada além das transformações. [Ziffel]

Dos menores indícios inferem os maiores acontecimentos, quer dizer, se têm juízo. [Ziffel]

Quando seus adversários triunfam, calculam os custos da vitória, e têm um olhar apurado para as contradições. [Ziffel]

Viva os refugiados. Viva a dialética! [Ziffel]

[Finalização musical da cena.]

26. Manguinhas

[Mãe, Coragem, de Torquato Neto e Caetano Veloso.]

D. Clélia, minha velha,

Vou te fazer um pedido, minha mãe, que parece bastante louco, mas tem suas razões de ser. Eu queria receber de você um presente de natal. Se desse prá chegar no Natal, seria tão bom. Eu quero duas manguinhas, daquelas manguinhas côco. Duas manguinhas não pesam muito, você põe num embrulho bem empacotadas, primeiro a senhora se informa se pode mandar frutas por avião prá Alemanha, porque muitas leis de saúde impedem isso, pela transmissão de doenças, a senhora sabe, nós somos pobres e pobre tem muito bicho. Se for proibido (o que é bem provável) a senhora despista bem as manguinhas, fantasia elas de outra coisa, mas eu queria as manguinhas e a senhora sabe como que eu sou quando quero uma coisa, né?

Vou botar a carta expressa hoje, dia 15. Ela deve chegar aí no dia 18. Então a senhora corre e compra (ou busca) as mangas e vê o melhor jeito de enviar. Se não chega no Natal, chega no Ano Novo, já tá bom. A senhora pode cobrir elas com pé-de-moleque, é um bom despiste, e pé-de-moleque também é muito bom. Pensei em te pedir isso porque, como você já mandou as florzinhas, faria por mim uma loucura assim, né não?



Mãe, tu me desculpa porque eu não tenho um presente prá você. Também, te mandar chucrute alemão seria de bastante mau gosto. Os küchen daqui (bolos e tortas) são bons, mas não tanto que se queira mandar por avião prá você, que conhece o segredo do biscoito de polvilho e do doce de leite.

Mãe, um Natalzão procês. Dorinha.

[*Mais alguns trechos da música Mamãe, Coragem.*]

NOTA NO MICROFONE: Maria Auxiliadora Lara Barcellos, Dorinha ou Dodora, foi militante da VAR-Palmares, durante a ditadura brasileira. Ela foi trocada, junto com outros prisioneiros políticos, pelo embaixador suíço, que havia sido sequestrado. Banida do Brasil, ela se suicidou na Alemanha em 1976, alguns meses depois de escrever esta carta.

[*Viejo comunista, de Manuel Garcia, com Silvio Rodriguez.*]

27. seXílio

[*Whats up?, de 4 non Blondes + I want to break free, do Queen e bigode do Freddie Mercury.*]

[*Texto no microfone durante a segunda música.*]

Relações afetivas e consensuais entre adultos do mesmo sexo são criminalizadas ou consideradas ilegais em setenta países.

A pena de morte é usada como punição em seis destes países: Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Nigéria, Sudão e Somália.

Mas a população LGBTQIA+ sofre agressões e discriminação em todos os lugares do mundo. O preconceito é democrático, não conhece fronteiras.

Milhões de pessoas sofrem perseguição com base na sexualidade e na expressão de gênero. Muitas delas deixam seus países.

Nós podemos chamar isso de seXílio.

Reconhecer esta realidade significa acolher e proteger pessoas que estão duplamente vulneráveis: pelo exílio, pelo preconceito.

28. Cantando por mi gente

[*Mis dos patrias, de Los tigres del norte + juramento norte-americano.*]



Raise your right hand and repeat after me: "I pledge allegiance to the Flag of the United States of America, and to the Republic for which it stands, one Nation under God, indivisible, with liberty and justice for all." Congratulations, you are now americans citizens.

[*Microfone.*]

Levantem a mão direita e repitam depois de mim: "Prometo lealdade à Bandeira dos Estados Unidos da América e à República que ela representa, uma Nação sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos." Parabéns, vocês agora são cidadãos americanos.

[*Danças latinas e máscaras de Donald Trump.*]

"Eles estão envenenando o sangue do nosso país." [x 3]

29. Veneno no sangue e na língua: as palavras também migram: viva o veneno!

- muamba / mutreta / moqueca / muvuca / jiló
- bagunça / banguela / batuque / birita / babá
- caçula / cafofo / canjica / calango / jabá
- farofa / trambique / quitanda / quitute / mingau
- caxumba / catinga / cochicho / cuíca / dendê
- jagunço / lambança / lambada / larica / pirão
- bruaca / garapa / fuleiro / fuxico / gogó
- gandaia / maluco / tutano / senzala / xará
- matuto / miçanga / moleque / moringa / nenê
- bambolê / berimbau / cafuné / catimba / bunda
- patota / pendenga / perrengue / chilique / chuchu
- mochila / molenga / pamonha / sapeca / pinga
- fuzuê / quiabo / quilombo / pitoco / quindim
- saravá / cafundó / zabumba / vatapá / zunzum
- capanga / capenga / calombo / lambuja / fubá
- inhame / macumba / mandinga / zoeira / xodó
- balangandã... borocoxô...

30. Conversas de refugiados relidas + Millôr: Bertolt e Brecht numa estação de trem

[*Introdução musical para montagem da cena.*]

O Brasil é um país famoso pela liberdade que concede às pessoas. [Ziffel]

Mas elas precisam ser turistas. Ou ricas. [Ziffel]

Você já se deu conta que um país quanto mais fala em "sede de liberdade" é porque ela está sempre em falta? [Kalle]

Se você quiser saber a minha opinião, saia de todo país onde notar uma grande "sede de liberdade ». [Kalle]

Você tem razão, nós devemos desconfiar quando se fala muito em liberdade. Os Estados Unidos, por exemplo, têm um discurso muito forte sobre a liberdade: é suspeito. [Kalle]

Para alguém falar em liberdade é preciso que o sapato aperte o pé. Aqueles que andam com um bom par de sapatos não precisam dizer que o calçado é confortável, bem ajustado e que não incomoda. [Ziffel]

[*Pausa.*]

Depois do que nós falamos, muitos de vocês devem estar convencidos que a liberdade não existe, que é uma figura mitológica criada pela pura imaginação. Mas eu garanto que a liberdade existe. Não só existe, como é feita de concreto e cobre e tem cem metros de altura.

A liberdade foi doada aos norte-americanos pelos franceses em 1866 porque naquela época os franceses estavam cheios de liberdade e os americanos não tinham nenhuma. Recebendo a liberdade dos franceses, os americanos a colocaram numa ilha, na entrada do porto de Nova York.

Esta é a verdade indiscutível: até hoje a liberdade não penetrou no território norte-americano.

Sabe aquelas coisas pontudas colocadas na cabeça da estátua da liberdade? [*Faz o gesto tal como Paulo Autran.*] Ninguém sabe o que sejam. Defesa antiaérea não é. Coroa de louros também não. Antigamente era costume coroar-se heróis e deuses com coroas de louros. Mas quando a liberdade foi doada aos Estados Unidos, nós brasileiros já tínhamos desmoralizado o louro, usando para dar gosto no feijão.

[*Juntos e irônicos.*] Viva la libertad, carajo!

31. Palestina livre!

[*C'est ailleurs, de Anouar Brahem. O elenco usa lenços palestinos e apresenta as chaves distribuídas no início.*]

O artista palestino Nasser Flefel decorava chaves de madeira com o nome das vilas destruídas por Israel em 1948, durante a nakba, a catástrofe. Ele tinha uma

loja na Faixa de Gaza. Hoje, depois dos ataques israelenses de 2023 e 2024, Gaza está em ruínas.

As chaves representam as casas dos exilados e refugiados de todo o mundo. Guardar as chaves, por décadas, se for preciso, significa lutar pelo direito ao retorno.

[O elenco recolhe as chaves distribuídas ao público e as coloca no centro da cena, que fica novamente vazia, exceto pela memória e pela resistência.]



32. Presença e ausência

"Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de desfrutar do asilo." *[Artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos.]*

Não existe crise migratória. Existe crise de acolhimento.

A fronteira é uma mercadoria.

[Kooma kumaro, de Mahler Cissoko]

"A experiência só se completa quando ela é contada." *[Paolo Jedlowski]*

"Quem conta seus naufrágios, é porque não se afogou." *[Mauricio Rosencof]*

"Nossa tarefa é contar a história. A contrapelo." *[Walter Benjamin]*

"Para onde devemos ir após as últimas fronteiras? Para onde os pássaros devem voar após o último céu?" *[Mahmud Darwich]*

"Eu é um outro." *[Arthur Rimbaud]*

A fronteira cria a identidade. Não o contrário.



"O universal é o local menos os muros." [*Miguel Torga*]

Um só mundo!

Futuro. Silêncio. Exílio.

CODA com Bertolt e Brecht na estação de trem

[*Sem introdução musical, apenas neve.*]

Eu sempre ouvi dizer que nós devemos nos enraizar.

Eu estou plenamente convicto de que as únicas criaturas que têm raízes, as árvores e as plantas, prefeririam não tê-las, pois assim poderiam andar por aí e até voar de avião. [Kalle]

Até aqui chegamos.

[*Músicas:* Tanto mar + América do Sul + Djiu di Galinha + Tenere den + Yazaman + El inmigrante.]

Recebido em: 07/07/2024

Aprovado em: 02/08/2024

Imagens de eXílio, 2024
Fotos de Fernando Reis



Imagem de eXílio, 2024
Fotos de Fernando Reis



Imagens de eXílio, 2024
Fotos de Fernando Reis



Imagem de eXílio, 2024
Fotos de Fernando Reis

